



requiem imprevisto

Emanuel R. Marques



gueto editorial

Requiem Imprevisto

Emanuel R. Marques



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Emanuel R. Marques, 2018**

Coleção #breves | Livro 12

Selo Gueto Editorial ® 2018

Edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro doze

⊙

I

No vácuo entre duas ilusões as paredes são cor de nada,
A alma
É um combustível demasiado inflamável,
Quando o seu fino e frágil rastilho sucumbe
À reincidência do destrutivo esplendor
De um dúbio fogo de artifício

Os olhos da razão,
Cegos como a palma de uma mão demasiado sensível,
E cega.
As imperfeições do toque,
Suas sensações e devaneios cegos como a palma de uma mão,
Incertos,
Como os olhos da razão.

II

Nos calabouços da existência
A única chave mestra é insuficiente
Para que todos os condenados se possam
Redimir
E
Libertar,

A singularidade é uma doença solitária
E a fé um pecado original

Pairando, sobre as esguias teias do pensamento,
Renascem idos louvores,
As iminências do que há-de ser vociferam em uníssono
A conflituosa amálgama da
Expectativa...

A sumptuosa trajectória do desconhecido

Átomos consumidos pelo tempo
Caracterizam o eterno baú de memórias.

III

Os portais que conduzem ao grande salão foram abertos
E os seus espectrais convidados vagueiam
Pelos lugares onde se irão sentar,
Sedentos pelo manjar noctívago,
Onde saciarão a sede do
Anfitrião...
Caso encontrem a cadeira que lhes foi reservada...

IV

O antídoto contra a insatisfação passa por um complexo combinar de
Ilusões
Experiências
Desolações
Urgências
Resoluções
Demências...

Mas

Somente o mais sábios terão acesso a tão raro elixir,
Se realmente existir.

V

No espaço entre dois pensamentos morremos asfixiados
No veneno dos segundos,
A caneta e o papel como esgoto da alma
Soluçando a serenata das desventuras.

VI

A metáfora da existência

Num ébrio copo repleto de vida que sabes e observas desatentamente
Em suaves goladas decrescentes,
E nenhum trago terá o sabor do primeiro

A metáfora da existência

Na insignificância de um pau de fósforo
Consumido numa efervescente chama,
Desprezado após a útil inflamação,
E nunca arderá até ao
Fim.

VII

O dogma do amor foi uma das mais terríveis criações
Do Homem,
Talvez a descoberta de uma outra esplêndida droga
Fosse um preferível substituto,

Quando uma adaga no teu coração for cravada
Cuida que seja de imediato removida
E que a sua lâmina não esteja enferrujada,
Pois a infecção é um prolongamento da dor
E a dor um prolongamento da agonia

Tenho-me deparado com vários mortos-vivos
No café das divagações,
Do qual sou único proprietário
E cliente.

VIII

O Mundo,
Essa fraca e lúgubre encenação
Do que deveria ser
E não é

A sinistra semente baptizada de alma,
Condenada à putrefacção
Da sina finita.

IX

Quando um Homem padece
É visitado pela inevitável consumação da morte,
É-lhe entregue um volumoso livro,
A sua biografia completa
Para que passe o resto da eternidade
A ler o que foi,
O que não foi,
O que deveria ter sido.

X

Pálida,
Como a volúpia de uma fresca madrugada,
Ela rasga a aurora do dia numa perfeita alquimia
De Sol e de Lua

Os anjos e os demónios,
Que fermentaram a sua essência,
São castigados pela ousadia da perfeição.

XI

Na semana seguinte,
Acordas numa cama que não é a tua
Nem é a que querias,
Mas que te foi oferecida,
Por mais que tentes nunca te sentirás
Satisfeito

O calor dos corpos
É sempre uma provisória solução.

XII

Sob o gélido manto nocturno
As almas alimentam-se na ilusão do infinito
E os corpos incendeiam-se em dispersas deambulações;
No fundo,
Todos desconhecem o sentido dos séculos,
Mas encontram a sua forma na contemplação do belo.

XIII

Da tua mão
Florescem flores moribundas,
A decadência do tempo,
A constatação do outrora

O roseiral dos primórdios do mágico odor
É hoje uma sinistra fragrância do que foi

Continuas a regar os espinhos,
Secos galhos, ramos apodrecidos, ácidos orvalhos
E
Outras simulações que fingem aproximar-se,
Que finges aproximarem-se,
Que tentam aproximar-se do esplendor inexistente.

XIV

A satisfação é uma efémera frase
Com demasiadas reticências.

XV

Deitas-te na escuridão de um pensamento,
Do qual procuras, ao mesmo tempo,
Fugir,
Não sabes se maldição ou contentamento,
Não sabes se te quer nascer ou destruir.

XVI

Um homem escava um buraco,
Uma cova, o abismo da individualidade,
Que sempre o acompanhará aconteça o que acontecer,
E
Com as unhas outrora reluzentes,
Marmoreadas de dourada ansiedade,
Contempla a putrefacção dos seus gestos
Não mais desenfreados ou resplandecentes

Quando as garras manuais encontram a evidência do lodo
Escasseiam as hipóteses de descobrir um tesouro perdido

Talvez o velho papiro
Onde os mestres inscreveram o mapa
Não passe de uma indecifrável lenda de contradições

Melhor seria encontrar uma pá
Que permitisse mais fundo escavar
E
Talvez
O tesouro realmente exista,
Soterrado da imundice do desalento

Salve
Arqueólogos da vida.

XVII

Num sórdido leito de inquietações
O anónimo pensador observa a sua insónia cambalear,
Sob os estreitos fios dos seus olhos semicerrados
A reflectirem a envolvente escuridão

Nada há a fazer

O entretenimento é a angústia da espera

Na sua cabeça germinam exasperados motins
Que explodem sob o embalar da valsa do
Silêncio

Nada há a fazer

E a mente e o corpo são cúmplices doentios
Que parecem renegar os proveitos da sua união,
Mas fundem-se no voraz e confuso monstro
Da
Desorientação.

XVIII

No céu,
Está toda a magnificência e prazer
Do que supomos para nós ser melhor

No inferno,
Está toda a repugnância e medo
Do que julgamos para nós ser pior

...

E no purgatório vagueiam as almas dos indecisos,
Sem que alguém saiba onde fica ou céu ou o inferno,
Ou se realmente existem.

XIX

O teu cão é livre na tua casa,
É prisioneiro num mundo que a tua espécie construiu

O cão vadio é livre em qualquer rua,
É prisioneiro num mundo que a tua espécie construiu

Tu
Pertences à espécie que inventou os conceitos de liberdade

E a inteligência é a primordial faca de dois gumes.

XX

Aprendeste sozinho a escrever no vazio,
Com a fantasiosa e trágica caneta da tua mente,
Com uma inquieta pena de silêncio que se esgueira indefinida
Até ao reluzente tinteiro da tinta invisível

Onde habitam
Os monstros,
As fadas,
Os anjos,
Os demónios,
Os que são
E os que não são,
Os que foram
E os que nunca serão.

XXI

O verdadeiro Homem
Caminha confiante sobre os acutilantes estilhaços da sua alma,
Destroçado,
Mas de cabeça erguida,
Isolado,
Confiante numa terra prometida,
Desencontrado,
À espera de encontrar uma nova vida

Mas sempre com a sua confiança,
Mesmo que ela não exista.

XXII

Um homem cheio de vinho
Divaga pela noite fora,
Retorna ao seu leito sozinho
Recordando quem muito adora

Um homem cheio de vinho
Torna-se escravo de indesejadas inquietações,
Tem o tédio por seu ilustre vizinho
E juntos entoam melancólicas canções

Um homem sem sono,
Sem amor,
Sem profissão,
Pensa demasiado
Pensa em vão

Sem encontrar solução

O que parecia ser um sim
É na realidade um não

E tudo parece uma eterna contradição.

XXIII

A epopeia das frustrações
É inevitavelmente narrada nos piores momentos,
Fermentada por sentimentos,
Por um horripilante mestre historiador
Que reconheces ao olhar o espelho

Espasmos de putrefacção são evocados do interior das feridas
Não cicatrizadas
E, da imundície das suas partículas,
Florescem espinhos que gostariam de ser rosas.

XXIV

No ministério do vazio
As medidas que definham por uma voz
São incrédulos ecos que se divertem
Em acrobáticos ângulos de retrocesso

A circunferência de uma maldição.

XXV

Novamente,
Do melancólico luto se reveste a alma
E por entre os ténues traços da ressurreição,
Ó fútil crença na absolvição!,
Padece a incerteza que nunca será salva,
Novamente

E de novo,
Se despedaçam as caravelas da ousadia
E os marinheiros enlouquecem ao canto da sereia,
O que ao longe era avistado revela-se trágica ideia,
Os marinheiros sobrevivem no barco da apatia,
De novo

Os devaneios de um louco não são mais que isso,
Devaneios.
Os sonhadores deveriam ter um prazo de validade
Que os libertasse desse demente compromisso...
Se a realidade tivesse seios
Felizes seriam amamentados nessa verdade.

XXVI

A felicidade é a ironia de um destino traiçoeiro

Os campos de trigo morrem sucessivamente,
Ano após ano,
Restando-lhes o ínfimo conforto de uma breve utilidade...
O pão alimenta...
Mas nem só de pão vive o Homem.

Emanuel R. Marques é formado em Comunicação Audiovisual. Autor de poesia, prosa, dramaturgia e cartoons. Colaborador em revistas, fanzines, webzines e antologias literárias nacionais e internacionais. Participante em várias exposições colectivas e individuais de artes plásticas/visuais. Realizador do projecto vídeo *Em busca da criatividade* (In search of creativity) e criador da experiência musical *Pineal Vertigo*.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo